

Enferm Bras 2021;22(93):353-69

doi: [10.33233/eb.v20i3.4554](https://doi.org/10.33233/eb.v20i3.4554)

ARTIGO ORIGINAL

A presença paterna na consulta pré-natal: um estímulo para a promoção da saúde da gestante

Luciana Pessoa Maciel Diniz*, Emilly Vitória Macedo Lima**, Amanda Alves Marcelino da Silva***, Hiandra Isabela da Silva Nogueira**, Wanderson Lima Dantas e Santos**

Prof.^a Assistente do curso de Enfermagem da Universidade de Pernambuco (UPE/PE), **Bacharel em Enfermagem pela Universidade de Pernambuco (UPE/PE), *Prof.^a Adjunta da Universidade de Pernambuco (UPE/PE)*

Recebido em 7 de janeiro de 2020; aceito em 22 de junho de 2021.

Correspondência: Luciana Pessoa Maciel Diniz, rodovia BR 203, km2 s/n - Vila Eduardo, 56328-900 Petrolina PE

Luciana Pessoa Maciel: luciana.diniz@upe.br
Emilly Vitória Macedo Lima: emillyvit60@gmail.com
Amanda Alves Marcelino da Silva: amandabiomedica10@gmail.com
Hiandra Isabela da Silva Nogueira: hiandra.isa@hotmail.com
Wanderson Lima Dantas e Santos: wandersonlimadantassantos@gmail.com

Resumo

Introdução: Pré-natal é um conjunto de procedimentos clínicos e educativos com a intenção de promover a saúde e identificar precocemente os problemas da gestação, sendo favorecido pela presença paterna. **Objetivo:** Compreender como a presença paterna durante a consulta pré-natal pode influenciar na promoção da saúde da gestante. **Métodos:** Estudo descritivo, de abordagem qualitativa realizado com quatorze gestantes. As informações foram coletadas por meio de entrevista semiestruturada e analisadas segundo a análise de conteúdo. **Resultados:** Percebeu-se uma baixa participação do pai da criança no

acompanhamento pré-natal, podendo acarretar resultados negativos na saúde da gestante. Conclusão: Verifica-se que a presença do companheiro na consulta pré-natal pode favorecer ou interferir na promoção da saúde da gestante.

Palavras-chave: gravidez; paternidade; cuidado pré-natal.

Abstract

The father's presence in the prenatal consultation: a stimulus for the health promotion of the pregnant woman

Introduction: Prenatal care is a set of clinical and educational procedures with the intention of promoting health and early identification of pregnancy problems, being favored by partners' engagement. *Objective:* To understand how partners' presence during prenatal consultation can influence the health promotion of pregnant women. *Methods:* Descriptive study with a qualitative approach carried out with fourteen pregnant women. Information was collected through semi-structured interviews and analyzed according to content analysis. *Results:* It was observed a low participation of the child's father in prenatal care, which can lead to negative results in the health of the pregnant woman. *Conclusion:* We verified that the presence of the partner in the prenatal consultation can favor or interfere in the promotion of the pregnant woman's health.

Keywords: pregnancy; paternity; prenatal care.

Resumen

La presencia paterna en la consulta prenatal: un estímulo para la promoción de la salud de la mujer embarazada

Introducción: La atención prenatal es un conjunto de procedimientos clínicos y educativos con la intención de promover la salud y la identificación temprana de los problemas del embarazo, siendo favorecida por la presencia paterna. *Objetivo:* Comprender cómo la presencia paterna durante la consulta prenatal puede influir en la promoción de la salud de la gestante. *Métodos:* Estudio descriptivo con abordaje cualitativo realizado con catorce gestantes. La información se recopiló a través de entrevistas semiestructuradas y se analizó según análisis de contenido. *Resultados:* Se notó una baja participación del padre del niño en la atención prenatal, lo que puede conducir a resultados negativos en la salud de la gestante. *Conclusión:* Se comprueba que la presencia

de la pareja en la consulta prenatal puede favorecer o interferir en la promoción de la salud de la gestante.

Palabras-clave: embarazo; paternidad; atención prenatal.

Introdução

O Pré-Natal (PN) é um instrumento importante para a melhoria dos índices de morbidade e mortalidade materna e infantil, destacando-se como fator essencial na proteção e na prevenção a eventos adversos sobre a saúde obstétrica. É um conjunto de procedimentos clínicos e educativos com a intenção de promover a saúde e identificar precocemente os problemas da gestação, sendo favorecido pela presença paterna [1].

Logo, a gestação é um momento que demanda dos futuros pais uma série de mudanças e adaptações, tanto em nível psicológico quanto biológico, e a mulher apresenta maior sensibilidade aos acontecimentos intrínsecos e extrínsecos à gravidez. Essas modificações podem causar necessidades que, para serem atendidas, requerem a participação e compreensão de pessoas de seu convívio, principalmente a do pai da criança [2].

Assim, o Ministério da Saúde traz como parte dos dez passos para um pré-natal de qualidade o direito do parceiro de ser cuidado e o dever de sua participação, que inclui ter acesso a informações, antes, durante e depois da gestação [3]. Essas informações, disponibilizadas nas consultas, proporcionam condições ao parceiro de compreender as mudanças que acontecem com a mulher nesse período e o orienta sobre o direito e o dever de acompanhar as consultas pré-natais e o parto [4].

Mesmo com o conhecimento sobre os benefícios da participação do pai nas consultas de pré-natal, vê-se, na maioria das vezes, a ausência do homem durante esse momento. Na prática, o que se observa é a baixa adesão justificada principalmente por fatores externos como incompatibilidade entre horários da consulta e do trabalho, e questões culturais como a impossibilidade de faltar ao trabalho por ser o provedor da família [5,6].

Todavia, quando o pai se omite ou é afastado desse contexto podem estar presentes sentimentos de angústia, ciúmes, ansiedade e solidão nas gestantes, conseqüentemente as demandas da mulher não são atendidas. A gravidez pode

ser vista como uma ameaça, fato que pode interferir na relação da tríade mãe-pai-filho [7].

Durante as consultas de pré-natal, desacompanhada na maioria das vezes, a mulher pode sanar suas dúvidas, expressar seus medos, inseguranças e tomar decisões no que diz respeito à sua gestação, tornando-se a única responsável por aderir ao serviço. Neste cenário, entende-se que a presença paterna é essencial para estabelecer relação de companheirismo, compartilhar decisões, sentimentos e entrega, além de oferecer condições propícias para vivenciar a paternidade ainda na gestação e contribuir na identificação de riscos precoces dessa fase [5].

Diante do exposto, esse estudo traz a perspectiva de compreender a problemática: como a presença do pai durante a consulta pré-natal pode influenciar na promoção da saúde da gestante?

A gestação é um momento de importantes mudanças biológicas, sociais e culturais, em que a mulher necessita de uma rede de apoio desde a estrutura profissional até a familiar. Nessa perspectiva, a presença do pai da criança durante as consultas pode ser crucial e definidora para que essa mulher se sinta mais amparada e, com isso, permita-se envolver mais e melhor durante os cuidados pré-natais, o que contribuirá para as ações preventivas e de promoção à sua saúde, como também intervenções precoces de possíveis agravos.

Nesse contexto, o presente estudo objetivou compreender como a presença paterna durante a consulta pré-natal pode influenciar na promoção da saúde da gestante.

Material e métodos

Trata-se de um estudo descritivo, de abordagem qualitativa, realizado com gestantes cadastradas em bairros de duas Unidades Básicas de Saúde, do município de Petrolina, Pernambuco, Brasil. Definiram-se como critérios de inclusão: ser gestante atendida por enfermeiros e médicos da Estratégia Saúde da Família (ESF), ter mais de dezoito anos e estar ou não acompanhada pelo pai da criança durante a consulta.

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário semiestruturado, contendo questões objetivas e perguntas subjetivas relacionadas ao objeto de

estudo. Essa coleta ocorreu de janeiro a março de 2020, e entre as gestantes elegíveis que autorizaram o estudo, atingiu-se amostra de 14 gestantes. Para garantir o sigilo e os direitos de privacidade, as gestantes foram identificadas com a inicial G (Gestantes) seguida de uma numeração, exemplo: G1, G2, G3.

A busca das informações ocorreu até a saturação das respostas das participantes que compuseram a pesquisa. Buscou-se entender os significados das falas e comportamentos das gestantes de acordo com a análise de conteúdo proposta por Bardin, sendo a pesquisa contemplada com as informações obtidas [8].

O estudo foi desenvolvido de acordo com o preconizado pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, e suas complementariedades. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Pernambuco, conforme parecer nº 3.822.936/2020 e CAAE nº 20707019.7.0000.5207, sendo conduzida de acordo com os padrões éticos exigidos.

Resultados e discussão

A análise do material empírico coletado por meio das entrevistas permitiu o surgimento de conteúdos manifestos e latentes das participantes que consoaram em núcleos de sentidos e, a partir desses, articularam nas seguintes categorias: a participação paterna no pré-natal: percepções e a miscelânea de sentimentos da gestante; gestação e pré-natal: uma questão social; paternidade e gestação: um desafio para família, comunidade e sistema de saúde.

A participação paterna no pré-natal: percepções e a miscelânea de sentimentos da gestante

No presente estudo, observou-se que as gestantes entrevistadas se encontravam na faixa etária compreendida entre 20 e 40 anos, tendo em média 28 anos, sendo duas com 20 anos e três com mais de 35 anos. No que se refere a escolaridade houve predomínio de gestantes que completaram o ensino médio (06) e o ensino fundamental incompleto (05) e três com ensino superior.

Constatou-se que cinco gestantes eram casadas, cinco solteiras e quatro declararam estar em um relacionamento estável.

Ao serem questionadas quanto a renda mensal, uma parte das gestantes relatou ter renda familiar correspondente a dois salários-mínimos (06) e outra a um salário-mínimo (05). Apenas três referiram receber mais de dois salários-mínimos.

Com relação à participação do companheiro, apenas seis gestantes afirmaram terem sido acompanhadas em pelo menos uma consulta de pré-natal e no momento da entrevista, a maioria (12) estava desacompanhada. O peso da ausência paterna fica mais evidente quando se constata que, das 77 consultas, quando somadas todas as consultas das quatorze entrevistadas, em apenas 19 elas estavam acompanhadas pelo pai da criança.

Percebe-se a importância do pré-natal por instituir um momento para identificar, tratar e/ou controlar patologias, assim como prevenir complicações que ocorrem durante a gestação e o parto. Nesse contexto, as mulheres estão sujeitas não só a mudanças físicas, mas a alterações psicológicas, familiares e sociais que podem causar momentos de ambivalência como felicidade ou medo e angústia [9].

Dessa forma, é fundamental que a gestante disponha de todo apoio familiar, principalmente da parte do pai da criança, sendo este o companheiro desempenhando o papel de pai. Para as gestantes deste estudo, a participação paterna possibilita o compartilhamento de conhecimentos, superação e compreensão das alterações biológicas, psicológicas e sociais presentes na gravidez:

Se ele participasse seria importante, pois me acalmaria e faria companhia na sala de espera (G2).

(...) apoio, força do marido, me passa calma e conforto (...) ter alguém para dividir as responsabilidades e me ajudar (G7).

Melhor suporte, me sinto segura, acolhida, confiante em passar por esse processo da gestação. Além de compartilhamento, pois dividimos as responsabilidades (G10).

Compreende-se que a presença paterna nas consultas de pré-natal reforça a importância no processo de humanização na assistência e o seu afastamento pode vir a causar sentimentos de solidão, medo e vazio na gestante [10].

Durante as consultas de pré-natal, desacompanhada na maioria das vezes, a mulher pode não sanar suas dúvidas, expressar seus medos, inseguranças e não tomar decisões importantes no que diz respeito à sua gestação, tornando-se a única responsável por aderir ao serviço, além da sobrecarga de informações e responsabilidade que é depositada apenas na mulher durante o atendimento [4,5]. Tal vertente pode ser apreendida nas falas que se seguem:

Com ele mais presente não me sentiria tão sozinha, teria alguém para apoiar enquanto espero (G1).

(...) Se estivesse presente nas consultas e em tudo, me daria um apoio maior e dividíramos as responsabilidades (G9).

(...) Seria legal a participação dele, passaria segurança por compartilhar informação com outra pessoa (G11).

Diante do exposto, fica evidente que o apoio paterno não deve ser direcionado apenas para as consultas, mas sim para as diferentes experiências compreendidas na gravidez, desde a preparação para receber o bebê como suporte à mulher em meio a mudanças [7]. Exemplo disso, são os seguintes discursos acerca da participação paterna na consulta:

Alegria e gratidão. A preocupação dele com o bebê e comigo, mesmo não sendo casados ele quer participar de tudo. Além de ter cuidado e preocupação comigo e o bebê (G8).

É um olhar para o futuro, já que ele quis acompanhar as consultas mostra que será um pai presente e não nos deixará só. Me passa muita confiança e me faz ficar bastante tranquila com a gravidez (G12).

Dá segurança, saber que tem alguém ali até o fim. Dividindo as tarefas e compartilhando informações (G14).

O envolvimento paterno permitiria uma maior compreensão dos processos fisiológicos e patológicos que podem vir a ocorrer durante a gravidez, aumentando a postura e ação dos pais em poder agir em possíveis situações de emergência, fato que contribuiria para prevenção de agravos e promoção da saúde dessa mulher diante de algum risco [4].

Gestação e pré-natal: uma questão social

Compreende-se que a gestação é um período em que a mulher e todo o seu círculo familiar estão sujeitos a várias mudanças, afetando o estilo de vida e os papéis de cada membro no cotidiano. O apoio social e a compreensão desse novo momento da mulher, principalmente por parte do pai da criança, tornam-se essenciais para o enfrentamento do estresse típico dessa época, contribuindo ainda para a criação de um vínculo mais forte entre o homem-feto-mulher [7]. A participação efetiva do pai durante as consultas como essencial nos cuidados para com a mãe e bebê pode ser evidenciada nas falas:

(...) acho que em tudo, aprenderia como pegar, a fazer o bebê acalmar, dividir as tarefas, a acalantar o bebê. Seria uma preparação antecipada (G1).

Toda, incentiva ele a estar presente e assim a cuidar. Além de saber lidar quando a mãe não estiver por perto (G6).

No jeito de cuidar. A questão de ele ter participado de tudo vai ajudar ele a fazer tudo e entender tudo que pode ocorrer e a forma de agir para melhorar (G10).

Dessa forma, a assistência pré-natal é relevante, não apenas aos cuidados com a saúde da gestante e do bebê, como também, para todo o círculo familiar [11]. Além disso, a literatura aponta que a participação paterna pode contribuir para ampliar a prática do aleitamento materno, a mudança de hábitos como a melhoria alimentar, aumento na ingestão hídrica, realização de exames e frequência mais constante nas consultas [4]. É possível afirmar, então, que a presença paterna favorece a qualidade do acompanhamento gestacional, o que possivelmente refletirá em maiores níveis de saúde materno-infantil

Ao perguntar sobre qual seria o papel dos companheiros durante as consultas de pré-natal, a maioria das gestantes relatam que eles poderiam participar esclarecendo dúvidas, aprendendo novas informações, pois, nesses momentos, os profissionais de saúde orientam e esclarecem várias dúvidas sobre a saúde do bebê. Tal vertente pode ser apreendida nos seguintes fragmentos:

Dar apoio, não me sentiria sozinha nas consultas. Passaria segurança também, porque assim todas as responsabilidades não seriam só minhas, teria alguém para contar o que esqueci à enfermeira e ao médico (G1).

De observar e se tiver alguma dúvida ele perguntar. E me acompanhar (G7).

[...] se houver alguma coisa que ocorreu e eu esqueci de falar, ele pode falar e entender o que se passa durante a gestação. Além de saber o que fazer durante o momento da gestação se ocorrer algo (G10).

É evidente a necessidade das gestantes em dividirem as responsabilidades da gestação com o pai, representando um estímulo para participar das consultas, realização de exames e auxílio durante o trabalho de parto. Além disso, após o nascimento do bebê, o pai poderá participar de maneira mais efetiva nos cuidados e dar assistência ao recém-nascido de forma mais segura, fruto de uma corresponsabilidade cultivada desde o pré-natal, com uma participação igualitária e efetiva [4].

Consequentemente a participação da família, sobretudo do pai, possibilita o compartilhamento de conhecimentos, superação e compreensão das alterações biológicas, psicológicas e sociais que a gestante é afetada. Assim, reduz-se o risco dessa mulher desenvolver complicações no período perinatal, no parto e pós-parto [12].

No entanto, a sociedade e a própria gestante acabam impondo para si mesma o cargo exclusivo na promoção dos cuidados durante o pré-natal e posteriormente com os filhos. Restando ao pai, nesse contexto, a responsabilidade apenas com o sustento familiar, ficando isento de qualquer envolvimento durante o acompanhamento dessa gestante e participação nos cuidados ao bebê [13].

A inclusão do pai no pré-natal é um processo complexo, devido as questões culturais e familiares que estão envolvidas no cotidiano de atenção [13]. Essa imposição muitas vezes está ligada a cultura machista de que os homens não são capazes de promover os cuidados ou que não é função deles e, portanto, mulheres tornam-se a única responsável por comparecer ao serviço e realizar os cuidados [4]:

Não acho necessária a participação, só dele se preocupar comigo já está bom. Não precisa vir para consulta (G4).

Não vejo muito significado a participação (...). Além de ser mais uma pessoa para incomodar aqui (G6).

Não mudaria em nada a participação dele, eu dou de conta (G13).

Observa-se que, culturalmente, a sociedade tem atribuído à mulher grandes responsabilidades decorrentes da sua condição biológica de gestar, parir e amamentar, considerando sua natureza maternal, enquanto ao homem fica o cargo de provedor e mantenedor do lar, como se este fosse incapaz de cuidar dos próprios filhos. Assim, as gestantes tomam para si a responsabilidade de preocupar-se com a gravidez, sendo a única, na maioria das vezes, a participar das consultas de pré-natal [2].

Não estímulo, porque não acho interessante por estar no início, e não ter nada para ver (G4).

Não incentivo. Me sinto melhor vindo só para as consultas (G6).

Não estímulo não, pois entendo que ele não pode faltar ao trabalho (G9).

Não sinto importância na sua participação e não muda nada sua ausência (G13).

Tal fato está ligado pela perpetuação cultural em atribuir o cuidado como tarefa feminina, por isso as mulheres permanecem sobrecarregadas pelo cuidado integral com os filhos desde o pré-natal [14]. Logo, os homens não são preparados para lidar com as mudanças e acabam não apoiando as gestantes,

nem se sentindo igualmente responsáveis durante todo esse processo, apresentando impaciência, reclamando da demora e cobrando das companheiras por se sentirem obrigados a estarem em um momento, que segundo a maioria, não é de sua competência, da forma como algumas gestantes relataram na entrevista:

Não acho necessária a participação dele (...) sua ausência não influencia em nada, fico mais à vontade sem ele aqui (G4).

(...) Prefiro que não participe, é mais tranquilo. É muita pressão, quer ir logo embora e fica chato as perguntas dele. A enfermeira fala e ele não entende, aí tem que explicar de novo. A ansiedade dele, fica agitado (...) fico estressada (G6).

Eu que não quero a participação dele no momento (G8).

Não quero ele aqui, ia faltar paciência para esperar (G13).

Desta maneira, é a mulher que sofre transformações no corpo e na vida desde a gestação até o parto, que afetam diretamente o estilo de vida social, o lazer, a sexualidade, o sono e a rotina de trabalho, gerando um mistério de alterações bio-psico-social e cultural [15].

Paternidade e gestação: um desafio para família, comunidade e sistema de saúde

A gestante vivencia um processo de modificações e atribui um significado para a participação do pai nas consultas de pré-natal que a faz sentir-se, na maioria das vezes, mais confortável e segura [2]. Apesar dos benefícios que a presença traz, a maioria das gestantes (12) não estava acompanhada no momento da consulta.

Observa-se que a ausência do pai nas consultas de pré-natal está relacionada a fatores externos que dificultam e até mesmo impossibilitam essa participação. No presente estudo, a justificativa prevalente para a não participação nas consultas estava relacionada à jornada de trabalho ser durante os horários das consultas.

Essa situação ocorre pelos horários das consultas serem realizadas em horário comercial tendo assim problema de incompatibilidades [7]. Tal vertente pode ser observada no discurso das gestantes quando questionadas sobre o motivo da ausência dos pais nas consultas:

O horário do trabalho que coincide com os das consultas, assim ele só poderá vir a uma se conseguir uma folga (G1).

O horário da consulta, por ela ser pela manhã atrapalha (G3).

Só o trabalho, que ele deixa de ir para vim e acaba levando falta (G7).

O trabalho, pois não pode ficar faltando sempre (G12).

Verifica-se que o mercado de trabalho ainda não incentiva a participação do seu trabalhador que será pai, não permitindo a falta ao serviço para acompanhar nas consultas de pré-natal por considerar que os cuidados nesse momento são apenas das gestantes. Subentende-se, dessa maneira, que a mulher teria a capacidade de se cuidar sozinha e que apenas ela precisa desses cuidados durante a gravidez, retirando a possibilidade desses pais de estarem presentes e serem participantes [10].

Ainda nesse contexto, a participação paterna caracteriza um incentivo às consultas, proporcionando apoio e minimizando a ansiedade, além disso, pode ser um complemento crucial na descoberta de riscos que venham acometer essa mulher. Por conseguinte, a sua inserção na consulta pré-natal traz vantagens a mulher e uma paternidade segura, digna e participativa [7].

Além de ser importante para o vínculo pai e filho(a), que é iniciado mais cedo, a participação paterna, desde o pré-natal, poderá contribuir para a identificação precoce de riscos na gestação, uma vez que a responsabilização será compartilhada, promovendo mais saúde para a mãe e criança [12]. Assim, o vínculo afetivo pode ser estabelecido por dimensões do comportamento paterno, tais como acessibilidade, engajamento e responsabilidade, trazendo como resultados uma maior disponibilidade para a criança, participação na vida dessa e garantia do cuidado e recursos para o crescimento do filho(a) [16]. Os

seguintes discursos evidenciam a percepção das participantes acerca de como a presença do pai beneficiaria nos cuidados com o bebê:

Acho que em tudo, aprenderia como pegar, a fazer o bebê acalmar, dividir as tarefas, a acalantar os bebês. Seria uma preparação antecipada (G1).

Ajudaria a fazer tudo, a dar banho, a trocar fralda e entenderia sobre as cólicas (G5).

Informações que a enfermeira e médico passam para fazer com o bebê será compreendido pelos dois, e o que eu acabar esquecendo ele vai lembrar e me ajudara. Além de dividir os cuidados, estaremos em sintonia de informações (G8).

No jeito de cuidar. A questão de ele ter participado de tudo vai ajudar a fazer tudo e entender tudo que pode ocorrer e a forma de agir para melhorar (G10).

Entretanto, é perceptível que as unidades de saúde estão preparadas para atender apenas as gestantes, e as vezes não é acolhedora aos homens, exemplo disso é a falta de materiais informativos e ilustrativas que mostrem a figura do pai. Podendo assim contribuir para a formação de barreira entre homem e o serviço e a construção de uma ideia errada às mulheres de que a gestação é apenas seu dever e que só ela deve vivenciar esse período [2].

Por mais que pareça fácil a inserção do pai nas consultas de pré-natal, ainda é notada bastante dificuldade na assistência fornecida pelos serviços de saúde, pois, na maioria das vezes, não é desenvolvida orientação para sensibilização dos pais acerca da participação ativa no período gestacional [2]. A percepção de tal postura é notada quando a maioria (8) das gestantes relatam a falta de incentivo por parte dos profissionais de saúde acerca da participação paterna nas consultas de pré-natal.

Nunca falaram e explicaram que poderia participar e que traria vantagens para a minha gestação (G1).

Não foi solicitado, só perguntou se era casada. Mas nada sobre a vinda dele as consultas (G5).

Não chamam e nem perguntam (G8).

Não falaram nada sobre a importância e nem que precisava (G11).

Quando ele vem fica lá fora, ela não pergunta por ele e acho que ele não pode entrar (G14).

Mesmo com o conhecimento sobre os benefícios da participação do pai nas consultas pré-natal, vê-se, na maioria das vezes, o desestímulo por parte dos profissionais. Sendo reflexo dessa condição as consultas tecnicistas e verticalizadas nas quais não se identifica e nem se orienta a rede de apoio da mulher, deixando-os alheios das informações e responsabilização, além de deslocados nas consultas pré-natal [17].

Por outro lado, alguns profissionais foram apontados pelas gestantes como incentivadores da participação do pai durante as consultas. Tal realidade reforça a necessidade da presença do homem na assistência à gravidez, afastando a ideia de que a gestação é só papel da mulher e que ele seria apenas o responsável pelo financeiro, fazendo-o se sentir como parte essencial desse período [4]. Tal vertente é observada nos discursos das gestantes acerca dos estímulos dos profissionais:

Pediu para ele comparecer a consulta (G9).

Como ele sempre participou é parabenizado por todos. Ele até falou para a médica que não devia ser parabenizado por algo que é o dever dele, e que seria certo todos participarem de tudo. E os profissionais incentivam falando os benefícios para a gente (G10).

Ela pediu para ele acompanhar sempre as consultas, pois ela iria explicar como seria o parto, como cuidar do bebê e os cuidados que devemos ter (G12).

O profissional de saúde deve estar preparado e atento para estimular a participação paterna nas consultas de pré-natal com estratégias que minimizem as dificuldades através de esclarecimento de dúvidas, compreensão das alterações que ocorrem e o incentivo a participação ativa do pai [4]. Logo, necessitam conversar com as gestantes sobre o envolvimento ativo do homem no pré-natal e realizar o acolhimento com o pai, fazendo com que este se sinta parte fundamental desse momento [18].

Conclusão

A pesquisa demonstrou que as participantes, em sua maioria, sentiam falta de uma maior responsabilização por parte do pai da criança. Assim acabavam desenvolvendo sentimentos de medo, solidão e angústia durante a gestação, reforçados pela questão cultural de que a mulher é a única responsável por esse período e pelos cuidados com a criança. Além disso, fatores como horários das consultas, questões trabalhistas e falta de estímulo pelos profissionais foram apontados como moduladores para reduzir a participação do homem.

A presença paterna na consulta promove uma maior integração, sentimento de pertença e responsabilização nesse período e depois. Nesse sentido, estar junto a mãe durante os atendimentos permite o aprimoramento da atenção pré-natal com maior qualidade, uma vez que o pai, fazendo parte do processo e fortalecendo o vínculo, poderá permitir a implementação de maneira mais efetiva dos princípios e diretrizes para o alcance de uma atenção mais eficaz e, com isso, refletir na redução de riscos para essa gestação.

O presente estudo propiciou o entendimento sobre como a presença do companheiro na consulta pré-natal pode gerar recursos positivos de apoio à gestante. Com isso, a pesquisa buscou subsidiar conceitos e entendimentos que contribuíssem para esclarecimentos dessa temática, o que pode gerar ações mais adequadas e participativas pelos profissionais de saúde que prestam atendimento para esse público, visando à promoção de saúde e melhorias nas consultas.

Referências

1. Nunes JT, Gomes KRO, Rodrigues MTP, Mascarenhas MDM. Qualidade da assistência pré-natal no Brasil: revisão de artigos publicados de 2005 a 2015. *Cad Saúde Coletiva* 2016;24(2):252-61. doi: 10.1590/1414-462X201600020171
2. Cardoso VEPS, Junior AJS, Bonatti AF, Santos GWS, Ribeiro TAN. A participação do parceiro na rotina pré-natal sob a perspectiva da mulher gestante. *Revista Fundamental Care Online* 2018;10(3):856-62. doi: 10.9789/2175-5361.2018.v10i3.856-862
3. Brasil. Ministério de Saúde. Atenção ao pré-natal de baixo risco. *Caderno de Atenção Básica*. Brasília: Ministério de Saúde; 2013.

4. Ferreira IS, Fernandes AFC, Lô KKR, Melo TP, Gomes AMF, Andrade IS. Percepções de gestantes acerca da atuação dos parceiros nas consultas de pré-natal. *Revista Rene* 2016;17(3):318-23. Available from: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3444>
5. Francisco BS, Souza BS, Vitorio ML, Zampieri MFM, Gregório VRP. Percepções dos pais sobre suas vivências como acompanhantes durante o parto e nascimento. *Revista Mineira de Enfermagem* 2015;19(3):567-575. doi: 10.5935/1415-2762.20150044
6. Gomes R, Albernaz L, Ribeiro CRS, Moreira MCN, Nascimento M. Linhas de cuidados masculinos voltados para a saúde sexual, a reprodução e a paternidade. *Ciênc Saúde Coletiva* 2016;21(5):1545-22. doi: 10.1590/1413-81232015215.26842015
7. Caldeira LA, Ayres LFA, Oliveira LVA, Henriques BD. A visão das gestantes acerca da participação do homem no processo gestacional. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro* 2017;7:e1417. doi: 10.19175/recom.v7i0.1417
8. Bardin L. *Análise de Conteúdo. Edição Revista e Ampliada*. Lisboa: Edições 70; 2011.
9. Primo CC, Trevizani CC, Tedesco JC, Leite FMC, Almeida MVS, Lima EFA. Classificação internacional para a prática de enfermagem na assistência pré-natal. *Enfermagem em Foco* 2016;6(1/4):17-23. doi: 10.21675/2357-707x.2015.v6.n1/4.571
10. Silva MMJ, Cardoso EP, Calheiros CAP, Rodrigues EOMA, Leite EPRC, Rocha LCD. O envolvimento paterno na gestação sob o olhar de gênero. *Revista de Enfermagem UFPE On Line* 2013;7(5):1376-81. doi: 10.5205/1981-8963-v7i5a11622p1376-1381-2013
11. Piccinini CA, Carvalho FT, Ourique LR, Lopes RS. Percepções e sentimentos de gestantes sobre o pré-natal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 2012;28(1):27-33. doi: 10.1590/s0102-37722012000100004
12. Cabrita BAC, Silveira ES, Souza AC, Alves VH. A ausência do companheiro nas consultas de pré-natal: desafios e conquistas. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental online* 2012;4(3):2645-54. Available from: <http://www.redalyc.org/pdf/5057/505750894026.pdf>
13. Santana JO, Borges KI, Souza DA, Pinto KRTE, Rosetto EG, Zani AV. O cuidado paterno ao filho prematuro hospitalizado: representações maternas. *Rev Baiana Enferm* 2017;31(4):e22310. doi: 10.18471/rbe.v31i4.22310
14. Pesamosca LG, Fonseca AD, Gomes VLO. Percepção de gestantes acerca da importância do envolvimento paterno nas consultas pré-natal: um olhar de gênero. *Revista Mineira de Enfermagem* 2008;12(1):182-8. Available from: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/255>
15. Coutinho EC, Silva EB, Chaves CMB, Nelas PAB, Parreira VBC, Amaral MO, Duarte JC. Gravidez e parto: O que muda no estilo de vida das mulheres que se tornam mães? *Revista Escola de Enfermagem USP* 2014;48(Esp2):17-23. doi: 10.1590/S0080-623420140000800004
16. Henz GS, Medeiros CRG, Salvadori M. A inclusão paterna durante o pré-natal. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde* 2017;6(1):52-66. doi: 10.18554/reas.v6i1.2053

17. Brito RS, Soares JDD, Carvalho JBL, Santos DLA. 19. Dificuldades vivenciadas pelo homem durante a gravidez da companheira. *Revista Rene* 2013;14(2):272-9. Available from: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3373/2611>
18. Balica LO, Aguiar RS. Percepções paternas no acompanhamento do pré-natal. *Revista de Atenção à Saúde* 2019;17(61):114-26. doi: 10.13037/ras.vol17n61.5934